

# INTERMIDIALIDADE E LITERATURA COMPARADA: UMA RELAÇÃO DE (IN)DEPENDÊNCIA E EXPANSÃO DE FRONTEIRAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

INTERMEDIALITY AND COMPARATIVE  
LITERATURE: A RELATIONSHIP OF  
(IN)DEPENDENCE AND EXPANSION OF BORDERS  
IN CONTEMPORARY BRAZIL

**Gabriel Felipe da Silva**

Mestre em Letras e Linguística pela  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro -  
Brasil. Mestre em Letras (Ciências da  
Literatura) pela Universidade Federal do Rio de  
Janeiro - Brasil. Doutorando em Letras na  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
- Brasil. Doutorando em Estudos de Literatura  
na Universidade Federal Fluminense - Brasil.  
Bolsista CAPES.

E-mail: gabrielreflexo@hotmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3095-9197>

**Resumo:** Este artigo explora a relação entre os Estudos de Intermedialidade, área que investiga a relação entre mídias, e a Literatura Comparada, área que investiga as diferentes literaturas nacionais, suas relações, críticas e diálogos com outras disciplinas e linguagens. A partir de uma revisão de literatura, o estudo examina como o conceito de intermedialidade, apesar de sua natureza interdisciplinar e de seu potencial para aprofundar a compreensão das interações culturais e estéticas entre mídias, permanece predominantemente subordinado à Literatura Comparada nas instituições acadêmicas na área de Humanidades no Brasil contemporâneo. Essa questão será analisada em um contexto que abrange não apenas a organização institucional e os currículos acadêmicos, mas também as implicações teóricas e epistemológicas desta relação. O artigo discute a possibilidade de autonomia disciplinar para os Estudos de intermedialidade, argumentando que sua consolidação enquanto campo independente pode enriquecer as abordagens de análise cultural. As recentes propostas teóricas e conceptualizações de Claus Clüver (2006), Irina Rajewsky (2012) e Lars Elleström (2021) oferecem bases fundamentais para essa discussão, destacando suas perspectivas sobre a importância e o alcance investigativo dos Estudos de Intermedialidade. Essas reflexões, que continuam a ganhar popularidade no Brasil, apontam para um movimento de valorização e expansão dos Estudos de intermedialidade.

**Palavras-chave:** Intermedialidade; Literatura Comparada; Estudos de intermedialidade; Teoria Literária.

**Abstract:** This article investigates the interplay between Intermediality Studies, which explores interactions among media, and Comparative Literature, which examines diverse national literatures, their interrelations, critiques, and engagements with other disciplines and expressive forms. Drawing upon a historical and theoretical framework, the study evaluates how intermediality, despite its interdisciplinary character and capacity to deepen the understanding of cultural and aesthetic exchanges across media, remains predominantly subordinated to Comparative Literature within academic Humanities institutions in contemporary Brazil. The discussion situates this issue within a context that considers institutional structures, academic curricula, and the theoretical and epistemological dimensions of their relationship. It argues for the disciplinary autonomy of

Intermediality Studies, positing that its consolidation as an independent field could substantively enrich cultural analytical methodologies. The theoretical contributions and conceptualizations advanced by Claus Clüver (2006), Irina Rajewsky (2012) and Lars Elleström (2021) provide essential foundations for this discussion, highlighting the significance and scholarly potential of Intermediality Studies. These reflections, which are steadily gaining traction in Brazil, point to a broader movement towards recognizing and expanding the field's scope.

**Keywords:** Intermediality; Comparative Literature; Intermediality Studies; Literary Theory.

## 1 Introdução

Os Estudos de Intermedialidade, como campo de estudo que investiga as relações entre diferentes mídias, tem se mostrado uma área interdisciplinar cada vez mais relevante no cenário acadêmico contemporâneo, especialmente na área de Letras. No entanto, sua autonomia enquanto disciplina ainda é objeto de debate, sobretudo quando considerada em relação à Literatura Comparada (LC) e também pela dificuldade enfrentada pelas ciências humanas, letras e artes nas universidades, principalmente, brasileiras, como a falta de financiamento adequado, ataques promovidos pelo governo e descredibilização dessas áreas por, supostamente, não terem utilidade imediata, sendo, portanto, dispensáveis (Marcovitch, 2002; Perrone-Moisés, 2016; Durão, 2019).

A primeira metade do século XX (com mais intensidade no *fin de siècle*) testemunhou a ascensão da LC como uma área que não apenas compara literaturas, mas também outras formas de expressão artística e cultural (Carvalho, 1991), expandindo significativamente seu escopo de análise com o

Novo Comparatismo (Coutinho, 2016). Nesse contexto, a intermedialidade adere-se à LC a partir dessa expansão, refletindo as transformações nas práticas e nos objetos da literatura comparada que se interessa pelas “relações interliterárias e [...] as chamadas literaturas não-canônicas” (Nitrini, 2021, p. 279).

Convém assinalar que a LC se imbrica com outras linguagens, como a música, as artes visuais, plásticas e a dança, além de dialogar com diversas disciplinas (Remak, 1971). Essa característica é particularmente evidente desde sua gênese, especialmente no contexto da criação de programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, que, à época, contavam com a atuação de professores titulados em áreas distintas da literatura (Souza, 1994). Isso porque a LC é uma eterna nômade que está sempre em processo, “por se manter permanentemente em trânsito, possibilita a convivência salutar com diversas vertentes teóricas e metodológicas, reveladoras de uma formação que escapa da endogenia e assume uma perspectiva pluralista, aberta às diferenças (Souza, 1994, p. 21).

Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre os Estudos de Intermedialidade e Literatura Comparada, investigando as razões pelas quais a primeira permanece, em grande parte, subordinada à segunda nas instituições acadêmicas. Para isso, será abordada a interseção entre ambas as áreas, destacando os argumentos que sustentam tanto a defesa da autonomia da intermedialidade quanto aqueles que a mantêm dentro do bojo da LC. Além disso, o

ensaio pretende examinar as implicações teóricas e metodológicas dessa relação, bem como o impacto institucional nas universidades brasileiras e internacionais. Outrossim, conceitos fundamentais do campo são trazidos à baila com o objetivo de serem esclarecidos.

Dessa forma, este trabalho visa contribuir para a compreensão das fronteiras teóricas e institucionais que moldam os estudos de intermedialidade, propondo uma reflexão crítica sobre sua posição no campo acadêmico e suas potencialidades enquanto área independente ou integrada à Literatura Comparada.

Como nosso trabalho será composto de uma bibliografia academicamente reconhecida, é possível dizer que nos apropriamos de um *lôcus* privilegiado (Dalvi, 2015). Isso porque o arcabouço deste trabalho é pautado em produtos intensamente analisados, avaliados e aprovados, visto que para as suas construções, aprovações e publicações, com diversas etapas que tiveram como personagens grandes nomes da área. Como exemplo, utilizar uma tese de doutoramento consiste no uso de um produto privilegiado, pois para ter sido aprovada, ela foi anteriormente examinada por especialistas, de modo que se infere a qualidade de seus conteúdos (Dalvi, 2015).

Ademais, o artigo foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica (Barros; Lehfeld, 2007), tendo em vista que se vislumbram três objetivos: a) criticar os paradigmas adotados para os estudos de literatura e intermedialidade; b) analisar e interpretar os

trabalhos desenvolvidos sobre o campo em discussão; c) contribuir para os estudos de intermedialidade no Brasil.

## 2 Intermedialidade: definições, abordagens e relações entre mídias

Compreender o conceito de intermedialidade é essencial para aprofundar a discussão em pauta. Definir esse campo de estudos não é uma tarefa simples, devido às diversas abordagens e aplicações existentes. Uma abordagem inicial para definir intermedialidade é analisar a natureza morfológica da própria palavra, que é formada através da combinação de afixos, ou seja, morfemas derivacionais. No caso em questão, temos a adição de “inter” e “dade”. O prefixo latino inter- pode admitir algumas acepções, dentre as quais: posição intermediária, reciprocidade, ao passo que -dade é um sufixo formador de substantivo e pode ter acepções variadas. Dessa forma, pode-se compreender intermedialidade como a mídia estando numa posição intermediária de uma relação, ou seja, existe um processo de relações *entre* as mídias presentes, um movimento orgânico e homogêneo que, inclusive, pode enevoar as fronteiras intermidiáticas (Rajewsky, 2012). Bem entendido, focalizando a relação da literatura e do cinema. Adalberto Müller (2008, p. 49) assinala que à intermedialidade

interessa compreender os processos de mutação, transformação, transferência, tradução, adaptação, citação, hibridação entre as duas mídias, e ainda em relação a outras mídias. Entender de que modo ambas (literatura e cinema) representam (ou deixam de representar)

a realidade, ou se auto-representam, a partir de suas relações, tal é uma das facetas dos estudos de intermedialidade.

Nessa mesma linha, a pesquisadora alemã Irina Rajewsky define o termo de maneira semelhante, levando em consideração sua morfologia: “intermedialidade pode servir antes de tudo como um termo genérico para todos aqueles fenômenos que (como indicado o prefixo inter-) de alguma maneira acontecem *entre* as mídias” (Rajewsky, 2012, p. 18, grifo do autor). Semelhante contribuição é exposta por Ramazzina-Ghirardi ao colocar no centro da questão a relação entre mídias: “refletir sobre a intermedialidade é pensar, simultaneamente, em mídias e na relação entre mídias” (2022, p. 14). Diante do exposto, parece haver um consenso quanto ao conceito de intermedialidade. A proposta de Ramazzina-Ghirardi potencializa a questão por fortalecer a ideia do “cruzamento de fronteiras”, tal como proposto por Irina Rajewsky (2012):

Intermedialidade é, assim, o campo de pesquisa que investiga qualidades, características, formas que se realizam na relação entre as mídias em um vínculo que se desenvolve de forma espacial e temporal. Essa característica de ser um campo que estuda relações entre as mídias – que, como qualquer relação, representa uma construção teórica, não um objeto concreto – é que faz com que os debates em torno do sentido e do alcance de intermedialidade se tornem ainda mais intrincados e relevantes (Ramazzina-Ghirardi, 2022, p. 20).

Devido à natureza intrinsecamente interdisciplinar da intermedialidade, tal como aquela adquirida pela LC nas últimas décadas, é comum encontrarmos investigadores de

diversas áreas do conhecimento envolvidos neste campo. Portanto, é natural que haja diferentes propósitos e abordagens na definição do objeto e do método.

Outrossim, fica claro que o condicionante para manifestação da intermedialidade é que haja necessariamente alguma relação entre, pelo menos, duas mídias.

Para Irina Rajewsky, as discussões acerca da intermedialidade partem de dois princípios: a) Intermedialidade como categoria fundamental; e b) “uma categoria crítica para a análise concreta de produtos ou configurações de mídias individuais e específicas” (Rajewsky, 2012, p. 19). O primeiro princípio é teórico, ao passo que o segundo é essencialmente prático. O estudo sobre intermedialidade, considerando o cruzamento de fronteiras, pode partir de dois caminhos: sincrônico e diacrônico. Partindo desse pressuposto, a intermedialidade pode investigar as mudanças intermediáticas ao longo do tempo (diacrônico) ou abordar e analisar as mídias em um mesmo contexto e tempo histórico (sincrônico). Nessa mesma esteira, o francês François Jost propõe que:

A intermedialidade tem, portanto, três sentidos e três usos interessantes para o pesquisador: a relação entre mídias, a relação entre os meios de comunicação, e a migração das artes para os meios de comunicação. Estes três tipos de intermedialidade obedecem, conforme mostrei, uma genealogia que leva do textual ao contextual, do abstrato ao concreto e que, nisto, se calca sobre as evoluções históricas que conhecemos. Contudo, cada etapa não torna necessariamente ultrapassada a precedente: ela a engloba. Também não me parece exagero pedir ao pesquisador de hoje em dia para que se interrogue, em cada uma das análises de um documento, sobre a pertinência daquilo que ele

desenvolve submetendo-o ao crivo desta tripla intermedialidade (Jost, 2006, p. 41).

Por outro lado, o americano Claus Clüver (2006) problematiza a questão de intermedialidade e interartes, visto que essa pode ser entendida como redutora, na medida em que a arte é/era vista como produto erudito, superior e, portanto, pertencente a uma classe elitista. Isso, em certa medida, contribuiria para que objetos importantes fossem relegados a um *status* inferior (Clüver, 2006). Sobre essa questão, o GT Intermedialidade: Literatura, Artes e Mídias, da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, asseveram que os

Os Estudos da Intermedialidade ampliam o escopo de suas pesquisas ao incorporar o termo “mídias” (e não apenas “artes”): como o conceito de “arte” está associado a certos valores e convenções culturais, o termo “mídia”, com sua ênfase na materialidade dos produtos de uma mídia, tem se mostrado frequentemente mais adequado para a produção cultural desde o início do século XX – sem, no entanto, eliminar um discurso sobre “arte” em determinados contextos (Intermedialidade, sem data, parágrafo 1).

Diante disso, as interartes estão dentro da intermedialidade, dado que esta abarca todas as mídias, não só as mais consagradas.

Em segunda instância, as contribuições de Claus Clüver (2006) também explicam as razões pelas quais, nos estudos de intermedialidade, não se estabelece uma hierarquia entre os diferentes produtos midiáticos. Ao realizar a análise de uma transposição midiática entre romance e filme,

para ficarmos em apenas um exemplo, a obra literária não seria tomada como “original”, “melhor” ou mais “completa”. Isso porquanto cada uma dessas mídias – a fílmica e literária – possuem suas próprias particularidades, sem que haja uma relação de dependência ou fidelidade entre elas (Silva, 2024)

Considerando essa perspectiva, ressalta-se o estabelecimento de categorias para os estudos de intermedialidade, o que de certa forma delimita as áreas de atuação ou de análise intermidiática, posto que cada uma dessas categorias focará em uma determinada relação entre mídias. Nesse diapasão, a intermedialidade pode agrupar três grandes categorias: “relação intermidiática; transposições intermidiáticas ou intersemióticas; união (fusão) de mídias” (Clüver, 2006, p. 24).

Salvo a leve mudança de nomenclatura, é cristalina a existência de uma relação entre os estudos americanos e alemães de intermedialidade, especialmente nas figuras mais expoentes da área: Clüver e Rajewsky. Corroborando a explanação e categorias asseveradas por Claus Clüver (2006), Irina Rajewsky declara a existência de três subcategorias para os estudos intermidiáticos: combinação de mídias, referências intermidiáticas e transposição midiática. A primeira ocorre, conforme o nome sugere, quando existem diversas mídias atuando concomitantemente para formar um todo completo. Por exemplo, em um espetáculo teatral há a presença dos atores (mídias), figurinos (mídias), músicas (mídias) entre outras coisas que formam a mídia teatral. A

segunda ocorre quando há uma mídia que emula uma outra mídia. Isso significa que podemos ter pinturas que imitam fotografias, filmes ou séries que imitam jogos de videogame e assim sucessivamente. A terceira trata dos processos de adaptação midiática:

no sentido mais restrito de *transposição midiática* (por exemplo, adaptações cinematográficas e romantizações): aqui a qualidade intermidiática tem a ver com o modo de criação de um produto, isto é, com a transformação de um determinado produto de mídia (um texto, um filme etc.) ou de seu substrato em outra mídia (Rajewsky, 2012, p. 24, grifo do autor).

Para Rajewsky, a transposição midiática é um estudo genético. Os esforços estarão direcionados à compreensão das técnicas transformativas das mídias em cena e não em identificar, por exemplo, o que foi suprimido ou adicionado na obra derivada:

Essa categoria é uma concepção de intermedialidade “genética”, voltada para a produção; o texto ou o filme “originais” são a “fonte” do novo produto de mídia, cuja formação é baseada num processo de transformação específico da mídia e obrigatoriamente intermidiático (Rajewsky, 2012, p. 24).

Remete-se, agora, a Lars Elleström (2021), cujo estudo comparatista é importante para os estudos de intermedialidade. Elleström assevera que a intermedialidade compreende “relações específicas de produtos de mídias distintos e das relações gerais entre os diferentes tipos de mídia” (Elleström, 2017, p. 201). Observa-se que, diferentemente do que se imagina, existe certo consenso sobre a definição da disciplina.

No contexto brasileiro, pode-se citar a pesquisadora Solange Oliveira, que também contribui de forma significativa para os estudos sobre intermedialidade, que ela define como o

conceito utilizado para tratar de várias maneiras pelas quais as mídias podem se relacionar, ou seja, para examinar: relações gerais entre as mídias, as transformações de uma mídia para outra, as combinações de mídias e os fenômenos inerentes a várias delas (Oliveira, 2020, p. 12).

A intermedialidade não se limita a livros, jornais, cinema, teatro, música, televisão e videogames; ela também inclui produtos socioculturais que foram marginalizados ou apagados devido ao colonialismo: “práticas indígenas e ancestrais (como a combinação do alfabeto, glifos e desenhos nos povos da América Central), até formas de comunicação do dia a dia (como campanhas de marketing), nas Américas, Europa, África e assim por diante” (Aguilar; Agustoni; Carrizo, 2015, p. 1).

A partir dessas definições, observa-se que as relações entre as mídias são a chave definidora do campo. Mas o que são essas mídias? No contexto desta pesquisa, o termo vai além do significado comum de rádio, televisão ou internet. Mídia é um objeto complexo e até mesmo indefinível em sua totalidade, momento em que as tensões e divergências teóricas se tornam mais proeminentes. Portanto, é importante entender que a cobertura abrange uma ampla gama de formas, mudanças e configurações.

Conquanto haja divergências, o conceito de mídia é geralmente mais amplo do que a

compreensão internalizada pelas pessoas de fora da área. No senso comum, quando ouvimos a palavra mídia, é comum associá-la à fama, à televisão, à novela ou à expressão “estar na mídia”. Essa definição não é incorreta, no entanto Ramazzina-Ghirardi alerta que “esse é um sentido possível e importante, mas, para os estudos da intermedialidade, insuficiente e, potencialmente, redutor” (2022, p. 31). A partir disso, a mídia no escopo dos estudos de intermedialidade engloba as definições que ocorrem pelo senso comum, todavia transcende-as, de modo a ampliar o seu significado.

É improvável que, com base no senso comum, alguém considere o corpo humano, a voz, o movimento das pernas, braços como mídia. Convém observar que as mídias atuam como “ferramentas comunicativas constituídas por recursos inter-relacionados” (Elleström, 2021, p. 11). Conquanto pareça estranho, o corpo é uma forma de mídia, visto que por meio dele os atores podem estabelecer uma comunicação:

Proponho que um produto de mídia possa ser feito por qualquer matéria não corporal ou corporal (incluindo a matéria que parte diretamente de um corpo) ou ainda uma combinação das duas. Isso significa que a mente do produtor pode, por exemplo, usar tanto uma matéria não corpórea (digamos, um papel) quanto seu próprio corpo e suas extensões imediatas (o movimento dos braços e o som produzido pelas cordas vocais) para realizar produtos de mídia como textos impressos, gestos e fala (Elleström, 2021, p. 27).

Elleström<sup>1</sup> não defende um único conceito de mídia, especialmente por ser um termo utilizado por diversas áreas, o que poderia reduzir a noção de mídia ou, então, gerar inconsistências teórico-metodológicas. Diante disso, ele propõe uma subcategorização, na qual haveria modos e modalidades: mídia básica, mídia qualificada e mídia técnica: “há traços específicos de certos produtos de mídias ou tipos de produtos de mídia. Para tornar essa distinção mais transparente, chamo os primeiros de modalidades e os últimos, de modos” (Elleström, 2021, p. 76). Outrossim, Cada uma delas teria uma conceituação própria, referindo-se a diferentes tipos de mídia, extrapolando, por exemplo, a ideia de mídia unicamente como suporte para transmissão de informação artística ou não.

A mídia, para além da ideia de suporte, pode ser compreendida, sobretudo, enquanto meio, de modo que expande o significado do termo, conforme observado por Adalberto Müller (2008). Nessa esteira, Maria Cristina Cardoso Ribas não se furtou de problematizar a possível redução do termo mídia quando se baseia apenas no senso comum. Nesse sentido, pode-se pensar que

quando o termo “mídia” é empregado no singular *stricto sensu* remonta aos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, fotografia, jornais); e, no singular e/ou plural, *lato sensu*, é utilizado como suporte físico para gravação e transmissão (no caso de som, imagem e mais recentemente, de arquivos digitais). A citada distinção entre meio e suporte já vem de longa data, é um tema

recorrente em teorias da mídia e relevante para os estudos literários que transitam neste campo. Em tal perspectiva, literatura e cinema são consideradas mídias (no sentido de meios de comunicação) que contêm outras mídias (meios) e são veiculadas em mídias (no sentido de suportes, tais como imagem, som, palavras escritas e faladas, arquivos digitais) (Ribas, 2018, p. 2879-2880).

Desse modo, compara-se e estuda-se uma (inter)midialidade entre o filme e livro que estão essencialmente inter-relacionados pelo enredo. No entanto, não compartilham do mesmo meio, ou seja, não estão na mesma mídia, visto que o cinema é sensivelmente diferente do livro, posto que neste o meio é a escrita que predomina e naquele há performance dos atores, luzes, sombras, músicas, efeitos especiais, visuais, práticos entre outras coisas. A mídia fílmica/cinematográfica é composta por diversos elementos, não se tratando somente de um suporte, afinal, a tela (*LCD, IPS* etc.) não é a mídia, mas tão somente a matéria física pela qual a mídia se manifesta. As alterações terminológicas variam conforme a língua, assim como mudam de acordo com o campo de estudo pelo qual se observa a intermidialidade.

É fundamental esclarecer alguns pontos importantes relacionados às áreas que abordam esses termos. Assim como a intermidialidade, a mídia é objeto de estudo em diversas áreas técnicas e científicas, principalmente aquelas que se dedicam à linguagem e ao entendimento do ser humano,

deste artigo, recomendo fortemente a leitura de *As modalidades das mídias II: um modelo expandido para compreender as relações intermidiais*.

<sup>1</sup> A discussão empreendida por Elleström é complexa e de especial importância para os estudos de intermidialidade. Aprofundar o debate foge ao objetivo

ou seja, podemos dizer que a mídia está direta ou indiretamente ligada a todas as áreas de conhecimento, no entanto, algumas são destaques, quais sejam: Letras, Comunicação Social (e suas diversas habilitações), Design, Artes Visuais (e suas diversas habilitações), Artes Cênicas (e suas diversas habilitações), Música (e suas diversas habilitações), Ciências Sociais (e suas diversas habilitações), História, Filosofia, Psicologia, Educação e Arquitetura.

Ao buscar no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, considerando os últimos três anos (2021 a 2024), identificamos que a maioria dos trabalhos são desenvolvidos nas áreas supramencionadas. Diante do fato de a intermedialidade ser interdisciplinar, torna-se, no mínimo, difícil definirmos o objeto de estudo da área. Assim, se nos prendermos a uma só definição, corremos o risco de reduzir e limitar o objeto, e mesmo o campo de estudo. Por outro lado, só podemos fazer ciência tendo alguns elementos presentes, dentre eles a definição e delimitação do objeto (Minayo, 2013).

A divergência quanto ao que é este objeto também é mencionada por Ramazzina-Ghirardi ao discutir a complexidade do tema: “variações do termo mídia constituem um desafio permanente para os pesquisadores” (2022, p. 32). Contudo, o fato de esse desafio existir é enriquecedor, porque não limita a produção da área, de modo que podemos ter diversos trabalhos desenvolvidos sobre variados temas e sob diversas visões teóricas, correndo o risco de perder, paulatinamente, o ritmo da produção acadêmico-científica na

medida em que fecharmos ou delimitarmos o objeto.

A partir das diferentes abordagens e considerando que “é importante que todo pesquisador que se envereda por esse campo de pesquisa deixe claro o que entende por *mídia* ou, dito de outro modo, esclareça a carga semântica que atribui ao termo” (Ramazzina-Ghirardi, 2022, p. 32-33, grifo do autor), vamos discutir nosso entendimento de mídia.

Do que ficou estabelecido, para esta discussão, acreditamos que existem quatro conceitos que são complementares e que aqui se aplicam. Werner Wolf, ao discutir intermedialidade, trouxe-nos uma primeira definição do que é mídia, sendo a segunda mais relevante:

meios de comunicação convencionalmente e culturalmente distintos, especificados não apenas por canais institucionais ou técnicos particulares (ou por apenas um canal), mas prioritariamente, pelo uso de um ou mais sistemas semióticos na transmissão pública de conteúdos, que incluem, mas não se restringem, a “mensagens” referenciais (Wolf, 2011, p. 2; tradução de Ramazzina-Ghirardi).

A partir dessa definição, podemos observar que a mídia não se restringe a canais institucionais, ou seja, àqueles que sofrem normatização e/ou são administrados pelo poder público, tal como a regulação feita pela Agência Nacional de Telecomunicações no Brasil, sendo, portanto, possível que a mídia se estabeleça nos mais variados espaços, dos menos informais aos mais formais.

Nessa toada, a mídia é “transmissão como um processo dinâmico e interativo [...] a

produção e a recepção de signos por seres humanos” (Clüver, 2012, p. 9). A definição de Clüver coloca a interação como uma das características dos produtos midiáticos. Dessa forma, as mídias são produtos para manifestação da arte, pois “uma obra de arte é entendida como uma estrutura sógnica – geralmente complexa –, o que faz com que tais objetos sejam denominados “textos”, independente do sistema sógnico a que pertençam” (Clüver, 2006, p. 15).

Em se tratando de um produto que promove transmissão de informações a fim de realizar alguma forma de comunicação, haverá um processo dialógico entre, ao menos, um emissor e um receptor. Se você estiver numa sala de cinema, existe um processo interacional entre você e o filme. Nos últimos anos, essa dinâmica tornou-se mais intensa, promovendo interações extrassensoriais (modo sensorial)<sup>2</sup> por meio de poltronas que se movimentam, aquecem, esfriam, neve artificial, cheiros, tudo isso pode ser experienciado nos famosos cinemas 4D<sup>3</sup>.

A partir de outra perspectiva, Jan Baetens assinala que “a mídia configura um suporte que se presta a acolher, conservar, difundir, transformar a informação” (Baetens, 2009, p. 79). Com essa proposição, podemos entender que qualquer elemento que difunda e transforme informação é mídia. Em outros termos, todos aqueles presentes no imaginário popular, bem como do senso crítico, são mídias: televisão, rádio, ópera, cinema, teatro,

livro, internet, quadrinhos, jornal, filme, nuvem, *ebook*, corpo, tela, figurino. No entanto, caberia incluir na definição de Baetens a ideia de meio junto ao suporte, uma vez que, ao se pensar unicamente em suporte, pode-se incorrer numa redução da mídia, uma vez que na intermedialidade existe o suporte/mídia (físico) e a mídia/meio (Müller, 2008; Ribas, 2018). Na mesma esteira, Pascal Krajewski assinala que a mídia “designa o que serve de suporte à transmissão de alguma coisa modulando assim inter-relações” (2015, p. 2, tradução de Ramazzina-Ghirardi).

A mídia está íntima e conceitualmente ligada ao imaginário do que é gênero textual porque, assim como ele, sofre modificações influenciadas por fatores sociais e temporais. Clüver nos esclarece que “todas as mídias exibem, de formas diferentes, aspectos temporais e espaciais” (2012, p. 20). As mídias não são estanques, estáticas; pelo contrário: são dinâmicas. A todo momento, e com o avanço tecnológico, se manifestam e (re)configuram de diferentes modos.

Neste contexto, de acordo com os principais dicionários de Língua Portuguesa, como Priberam, Infopédia e Aulete, a definição de mídia abrange o conjunto de meios de comunicação de massa que transmitem mensagens direcionadas ao público em geral. Isso inclui a televisão, o rádio, a imprensa, cartazes, entre outros. Além disso, a definição também engloba os meios de comunicação social e os veículos de mídia utilizados na

<sup>2</sup> Cf: Elleström (2021).

<sup>3</sup> Cf: <https://www.youtube.com/watch?v=YdZfZhK1k14> e <https://musicnonstop.uol.com.br/cinema-4d/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

publicidade e propaganda. Essas definições reforçam a compreensão de mídia como um conjunto diversificado de canais e plataformas que desempenham um papel fundamental na disseminação de informações e conteúdos diversos para o público.

### **3 A interseção de disciplinas: Literatura Comparada e Estudos de Intermedialidade**

Consoante Ana Cláudia Domingos (2015, p. 141), entendemos que

A perspectiva da intermedialidade é ideal para se perceber os produtos culturais da contemporaneidade, cuja gênese se relaciona tanto à convergência de mídias e à utilização plural de mídias quanto ao aspecto intertextual. Todo objeto cultural intermediário resulta da leitura de outro, seja pela remediação do suporte, seja por seu conteúdo intertextual.

Existe uma contínua discussão acerca da autonomia e independência dos Estudos de Intermedialidade enquanto matéria acadêmica. Na grande maioria das universidades, ela figura como subárea da Literatura Comparada, em um número reduzido de casos, é considerada uma disciplina com autonomia e departamento próprios, sendo, portanto, desvinculada institucionalmente dos Estudos Literários, a exemplo das Universidades Graz, Lund e Växjö (Domingos, 2022).

No Brasil, os Estudos de Intermedialidade, do ponto de vista institucional, não possuem autonomia departamental, estando ou ligados aos departamentos de literatura ou aos

departamentos de Comunicação Social. Thaís Flores Diniz (2022) procedeu a uma pesquisa para estabelecer quem e onde se estuda intermedialidade no Brasil. O resultado ratifica a consideração feita anteriormente: os estudos de intermedialidade estão majoritariamente ligados aos departamentos de literatura e comunicação. A autora verificou, ainda, que no Brasil a área está intimamente relacionada à área de Letras, “seguida pelos pesquisadores da Comunicação e, logo depois, pelos professores das áreas de artes: Artes visuais, Música, Cinema, Artes cênicas, Dança e Design” (Diniz, 2022, p. 26).

Outrossim, 64% das pesquisas sobre intermedialidade são realizadas por pesquisadores da área de Letras, no bojo da Literatura Comparada. Isso denota a expansão, o cruzamento das fronteiras teóricas, críticas e institucionais dos Estudos Literários; não obstante, ao mesmo tempo sugere uma dependência dos Estudos de Intermedialidade à Literatura Comparada. Isso pode, em alguma medida, reduzir o escopo de atuação e expansão da intermedialidade. Ademais, dos 41 grupos sobre intermedialidade cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, 26 são da área de Letras (Diniz, 2022); em outras palavras, 63% dos grupos de pesquisa estão no campo da Linguística e Literatura.

Nesse contexto, Thaís Flores Diniz, em entrevista a Ana Cláudia Domingos, defende a desvinculação da intermedialidade da Literatura Comparada: “Esperamos que muitos outros grupos surjam, pressionando as universidades a reconhecerem a intermedialidade como um campo

independente, uma vez que o fenômeno não é limitado à literatura e abrange muitas outras áreas de conhecimento” (Domingos, 2022, p. 143).

Assim, trata-se de uma área interdisciplinar tal como a própria Literatura Comparada, que, ao longo da segunda metade do século XX, tornou-se uma área, do ponto de vista prático, interdisciplinar por não comparar apenas literatura, mas outros tipos de artes e culturas. A LC a torna-se, então, uma disciplina intimamente ligada aos *Culture Studies* (Nitrini, 2021), o que proporcionou em larga escala a ampliação dos objetos de estudos. Ocorre, porém, que, muito embora a intermedialidade não se estude apenas com a literatura, pode-se asseverar que a massa de trabalho está conectada a ela, seja comparando-a com ela mesmo ou com outros tipos de arte. No âmbito do que abrange ou não o campo aqui discutido, Claus Clüver observa que a:

Intermedialidade diz respeito não só àquilo que nós designamos ainda amplamente como “artes” (Música, Literatura, Dança, Pintura e demais Artes Plásticas, Arquitetura, bem como formas mistas, como Ópera, Teatro e Cinema), mas também às ‘mídias’ e seus textos, já costumeiramente assim designadas na maioria das línguas e culturas ocidentais. Portanto, ao lado das mídias impressas, como a Imprensa, figuram (aqui também) o Cinema e, além dele, a Televisão, o Rádio, o Vídeo, bem como as várias mídias eletrônicas e digitais surgidas mais recentemente (Clüver, 2006, p. 18-19).

Em consonância, José Luís Jobim (2020, p. 401) alerta que o comparatismo não reside somente nas orientações entre obras literárias, mas em “estruturas que contém pelo menos

dois objetos diferentes, e teorias ou ideias que os relacionam entre si”. Conquanto, aquele trate especificamente da Intermedialidade e esse da LC, ao equacionar os dois teóricos, o resultado é de que ambas as áreas conjugam estudos de ao menos dois produtos culturais.

Retrocedendo os postulados de Claus Clüver e de José Luís Jobim, Tânia Carvalhal assevera que “a literatura comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua **interação com outros textos, literários outro não, e outras formas de expressão cultural e artística**” (1986, p. 74, grifo nosso). Dessa forma, diante da natureza inter e transdisciplinar do comparatismo (ou comparativismo, caso pensemos no mundo francófono), a intermedialidade também seguirá por esse viés, de modo a não restringir os objetos de investigação a somente um produto cultural.

Diante de todo o exposto, parece existir no Brasil uma linha mais conservadora no sentido de a intermedialidade estar conectada à literatura comparada e não ser independente dela, especialmente quando os objetos relacionam a literatura com algum outro produto artístico:

**Ressaltamos, ainda, que as Intermedialidades são um derivativo da Literatura Comparada** após sua virada terminológica, como bem esquematizado por Tania Carvalhal (2006). A autora demonstra como que os estudos sobre a modalidade e o funcionamento dos textos literários fizeram avançar a concepção tradicional de comparativismo que hierarquizava de maneira inexpugnável as obras em cotejo. Dessa maneira, o mesmo tratamento que a Literatura Comparada confere aos textos literários é também procedimento teórico-metodológico dado às

mídias no âmbito das Intermedialidades (Paula, 2019, p. 15, grifo nosso).

O fato de a intermedialidade estar conectada a variadas áreas do conhecimento faz com que seu nome seja uma espécie de termo guarda-chuva, podendo ser abordado a partir de diversas perspectivas teóricas e metodológicas. Nessa toada, a definição do objeto, sua delimitação e atribuição há de variar conforme a área em que esteja sendo utilizada (Rajewsky, 2012; Ramazzina-Ghirardi, 2022). Frente a isso, cabe ao analista determinar qual visão ou teoria abordará em seu trabalho, conforme recomendado por diversos estudiosos (Rajewsky, 2012; Elleström, 2021; Ramazzina-Ghirardi, 2022).

O objeto literário ainda permanece estático nos processos de comparativismo, de modo que está perdendo a dominância sobre outras artes. Logo, pode-se inferir que a comparação atua como um instrumento para observar os elementos artísticos e literários por meio do contraste, não sendo, portanto, um fim em si mesma (Carvalho, 1991). Construir uma pesquisa a partir do comparativismo e interdisciplinaridade requer mais estudos, pois deve-se aprofundar em áreas que não são usualmente de nossa formação (Carvalho, 1991). Ao pensar nas Letras, esse caminho é menos tortuoso, tendo em vista que, desde os primeiros períodos das graduações, existe contato com diversas áreas do conhecimento: História, Sociologia e Psicologia, para citar algumas, o que permite que o graduando desenvolva diversas habilidades que o

auxiliem no domínio do objeto, teoria e método utilizados na análise a que se propuser.

#### **4 Considerações finais**

O estudo empreendido evidencia que a intermedialidade é uma área de estudo em franca expansão, refletindo a crescente complexidade das interações entre diferentes mídias no contexto global. No entanto, apesar desse progresso, observa-se que, em muitos contextos acadêmicos, a intermedialidade ainda se encontra subordinada à Literatura Comparada, sendo tratada como uma subdisciplina ou uma extensão desta. Esse posicionamento pode, em certa medida, limitar o reconhecimento da autonomia e da especificidade da intermedialidade como campo teórico.

Ademais, os conceitos centrais da intermedialidade, embora inovadores e promissores, apresentam-se como escorregadios e passíveis de múltiplas interpretações, tendo em vista sua conexão com áreas tão diversas quanto a Comunicação Social, as Artes Visuais, a Linguística Aplicada, a Semiótica e os Estudos Literários. Tal complexidade demanda do pesquisador uma postura crítica e reflexiva, exigindo que ele defina com clareza a vertente teórica que norteará sua análise.

Nesse sentido, a intermedialidade oferece um espaço profícuo para investigações interdisciplinares que não apenas expandem as fronteiras teóricas das Humanidades, mas também contribuem para o diálogo entre disciplinas tradicionais e emergentes. A

valorização dessa área, especialmente em contextos institucionais, pode promover novas abordagens metodológicas, ampliando o alcance e a aplicabilidade das investigações acadêmicas. O aprofundamento dos debates teóricos sobre a intermedialidade, aliado à consolidação de sua autonomia como campo de estudos, poderá redefinir os parâmetros epistemológicos vigentes, conferindo à área um papel central na análise da cultura contemporânea.

Esperamos que este estudo tenha contribuído para o campo dos Estudos Literários, e que possa inspirar novas investigações e reflexões acerca dos Estudos de Intermedialidade e Literatura Comparada no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Daniella; AGUSTONI, Prisca; CARRIZO, Silvina. Apresentação (Dossiê Intermedialidade e seus diálogos contemporâneos). **IPOTESI**, Juiz de Fora, v.19, n.1, p.10-13, jan/jun. 2015.
- AKCELRUD DURÃO, Fabio. Ideias sobre a questão do financiamento de pesquisa em Letras. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 48, n. 1, p. 11–22, 2019. DOI: 10.21165/el.v48i1.2419. Disponível: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2419>. Acessado em: 21/12/2024.
- BAETENS, Jean. **Études culturelles et nalyse médiatique**: autor du concept de re-médiation. *Revue Recherches en communication*, n° 31, 2009.
- BARROS, Aidil J. da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de souza. **Fundamentos de Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada: A estratégia interdisciplinar. **Revista da ABRALIC**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-13, 1991. Disponível: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/1>. Acessado em: 24/08/2024.
- CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. **Revista ABRALIC**, [S.l.], v. 1, n. 1, pp. 09-21, 1994. Disponível: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/1/1>. Acessado em: 21/12/2024.
- CLÜVER, C. Inter textus / inter artes / inter media. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 10–41, 2006. DOI: 10.17851/2317-2096.14.2.10-41. Disponível: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18067>. Acessado em: 14/08/2024.
- CLÜVER, Claus. Intermedialidade. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM, [S. l.], p. 8-23, 2012.
- COUTINHO, Eduardo de Faria. O novo comparatismo e o contexto latino-americano. **ALEA**, Rio de Janeiro, vol. 18, n. 2, p. 181-191, mai-ago. 2016. Disponível: <https://www.scielo.br/j/alea/a/PvjV5gw6mY>

v6QhQLRGVvPkd/?format=pdf&lang=pt.  
Acessado em: 22/09/2023.

DALVI, M. A. **À beira do abismo**: o que nos dizem as dissertações e teses sobre a literatura no livro didático do ensino médio? In: BUNZEN, C. (Org.) Livro didático de português: políticas, produção e ensino. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. p. 199-222.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. Os caminhos da intermedialidade no Brasil. In: Ribas, Maria Cristina Cardos; Martoni, Alex; Diniz, DINIZ, Thaís Flores Nogueira. (Org.). **Estudos de Intermedialidade**. 1ed. São Paulo: CRV, 2022. pp. 19-28.

DOMINGOS, Ana Cláudia Munari. A Intermedialidade como um campo independente: Entrevista com Thaís Flores Nogueira Diniz. Revista 2i: Estudos De Identidade E Intermedialidade, 4(5), p. 141-144, 2022.

DOMINGOS, Ana Cláudia Munari. Hiperleitura e escreitura: convergência digital, Harry Potter, cultura de fã. 1ª. ed. Porto Alegre: Edipucrs, v. 1., p. 284, 2015.

ELLESTRÖM, Lars. **As modalidades das mídias II**: um modelo expandido para compreender as relações intermidiais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021.

ELLESTRÖM, Lars. **Midialidade**: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade. Porto Alegre: EdiPuc, 2017.

INTERMIDIALIDADE: Literaturas, Artes e Mídias. Histórico. [S.I.], [S.D.]. Disponível: [https://anpoll.org.br/gt/intermedialidade-](https://anpoll.org.br/gt/intermedialidade-literaturas-artes-e-midias/)

[literaturas-artes-e-midias/](https://anpoll.org.br/gt/intermedialidade-literaturas-artes-e-midias/). Acessado em: 23/12/2024.

JOBIM, José Luís. Literatura nacional e Literatura Comparada: uma perspectiva brasileira. Gragoatá, v. 25, n. Esp, p. 401-414, 31 jul. 2020. Disponível: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/38409>. Acessado em: 24/08/2024.

JOST, François. Das virtudes heurísticas da intermedialidade. **Cerrados**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UNB, Brasília, n. 21, ano 15. p. 33-45. 2006.

KRAJEWSKI, Pascal. Qu'appelle-t-on un médium ? **Appareil [Online]**, [S. I.], p. 1-10, fev. 2015. Disponível: <https://journals.openedition.org/appareil/2152>. Acessado em: 15/08/2024.

MARCOVITCH, Jacques. Os desafios da área de Humanidades no Brasil e no mundo. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 16, n. 46, p. 223-243, 2002. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9897>. Acessado em: 21/12/2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 34º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MÜLLER, Adalberto. Além da literatura, alguém do cinema? Considerações sobre a intermedialidade. **Outra travessia**, Santa Catarina, nº 7, p. 47-53, 2008. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/11974>. Acessado em: 27/08/2023.

NITRINI, Sandra. Literatura Comparada. São Paulo: Edusp, 2021.

OLIVEIRA, Solange O. Intermedialidade e estudos interartes: uma breve introdução. In: FIGUEREIDO, C.A. P; OLIVEIRA, S.R.; DINIZ, T.FN. **A intermedialidade e os estudos interartes na arte contemporânea**. Santa Maria: Ed. UFMS, 2020, p.11-14.

PAULA, Renata da Cruz. **A transposição midial: para além das cercas de São Bernardo**. 2019. 122 fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – UERJ. Disponível: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/13936>. Acessado em: 14/08/2024.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

RAJEWSKY, Irina. Intermedialidade, Intertextualidade e “Remediação”. Uma perspectiva literária sobre a Intermedialidade. In: Diniz, Thaís Flores Nogueira. (org.). **Intermedialidades e Estudos Interartes: Desafios da arte contemporânea**. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 15-45.

RAMAZZINA-GHIRARDI, Ana Luiza. **Intermedialidade: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2022.

REMAK, Hemy H.H. Comparative literature: its definition and function. In: STALLKNECHT, Newton P.; FRENZ, Horst (org.). **Comparative literature: method and perspective**. Illinois: Southern Illinois University Press, 1971. p. 3-37. Disponível: <http://ndl.ethernet.edu.et/bitstream/123456789/22276/1/125.pdf>. Acessado em: 21/12/2024.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. **Modos de ver, modos de ler, modos de ser: tópicos de transposição midial**. In: XV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 15., 2018, Rio de Janeiro. Anais[...].Rio de Janeiro: ABRALIC, 2018. p. 2878-2886.

SILVA, Gabriel Felipe da. **Da página à tela: o lobisomem em Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. 2024. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024. Disponível: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/23137>. Acessado em: 22/12/2024.

Souza, Eneida Maria de. LITERATURA COMPARADA O ESPAÇO NÔMADE DO SABER. **Revista ABRALIC, [S.l.]**, v. 2, n. 2, pp. 19-24, 1994. Disponível: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/14/15>. Acessado em: 21/12/2024.

WOLF, Werner. “(Inter)mediality and the Study of Literature.” CLCWeb: Comparative Literature and Culture 13.3, 2011.